



Proletários de todos os países: **Uni-vos**

Aos Trabalhadores Marítimos do Pôrto de Lisboa

CAMARADAS:

Tendo sido violados os contractos de trabalho pelos Armadores e Agentes de Navegação, convidamos as classes marítimas—Fragateiros, Conferentes, Descarregadores de carvão e da muralha, Estivadores, Trabalhadores do Tráfego e Operarios de Construção Naval a comparecerem na reunião magna, que se effectua na Quinta-feira, 22, pelas 21 horas, no Cinema Gil Vicente, (à Graça), a fim de se apreciar a resolução das Empresas de Armadores e Agentes de Navegação.

Todos para a reunião magna!

A Comissão de Transportes Marítimos de Portos da F. N. T. T. C.

PROLETARIOS DE TODOS OS PAISES, UNI-VOS!



ORGÃO

NA

IMPRENSA

“O REDUCTO,”

FEDERAÇÃO NACIONAL

DOS

Trabalhadores de Transportes e Comunicações

Avenida 24 de Julho, 96, 1.º — TELEFONE 22500

A crise de trabalho e as suas origens fundamentais

PRESADOS CAMARADAS:

A situação de todos os trabalhadores e consequentemente a dos trabalhadores de transportes agrava-se dia a dia. Todo o mundo capitalista atravessa a crise mais grave da sua história e, como sempre, são os operários que lhes sofrem as consequências. O patronato endossa para os largos ombros dos trabalhadores as graves consequências das contradições do sistema capitalista, da sua crise económica e política.

Após a guerra o capitalismo encontrou-se perante um esgotamento financeiro colossal.

As indústrias da guerra paralizaram e milhões de soldados regressavam do «front» para as indústrias. Os mercados dos países atrasados tinham desaparecido porque, forçados pela necessidade, esses países tinham criado as suas próprias indústrias. Só uma luta formidável, colossal, no mercado internacional, os conseguiria reconquistar.

Só uma saída apareceu aos grandes países imperialistas — a racionalização das indústrias, para o barateamento dos produtos e seu aperfeiçoamento.

A racionalização, o aperfeiçoamento da maquinaria, a sistematização dos processos de produção, a produção em serie e em cadeia foi, portanto, operada em larga escala em todos os grandes países capitalistas. Os operários foram submetidos a uma redobrada exploração.

A inversão de grandes capitais na racionalização das indústrias, no aperfeiçoamento e substituição da maquinaria, deu uma ilusão a todo o mundo; o sistema capitalista começava a consolidar-se. Os *agitadores* não tinham razão. O mundo burguês tinha em si proprio os recursos necessários para vencer a crise de após a guerra.

A partir da aplicação desta tática, 1923-24, uma aparente estabilização se operou, bem como uma pseudo tendência para a estabilização e para a prosperidade.

Mas os *agitadores* tinham razão. Toda esta tendência para a estabilização e para a prosperidade não era senão aparente. Para a liquidação da crise de após a guerra o sistema capitalista não tinha senão arranjado um calmante passageiro que, terminados os seus efeitos, a faria aparecer mais grave ainda.

Em primeiro lugar a racionalização das indústrias estendeu-se a todo o mundo. Verificados os seus aparentes efeitos salutarés, nos grandes países imperialistas, todos os outros países entraram na órbita da racionalização. O seu principal objectivo — a conquista dos mercados perdidos — não foi alcançado. Por outro lado, a propria racionalização tinha engendrado novas fontes de miséria, novos factores de um agravamento vertiginoso da crise.

Como a racionalização e intensificação de produção não era originada pelo unico motivo são que a podia originar — a carencia de produtos e aumento das capacidades de absorção no mercado — ela só se conseguia á custa de despedimentos de operários.

Por outras palavras: O patronato aperfeiçoando a maquinaria e sistematizando os processos de produção, duplicava, triplicava a capacidade produtora das suas fabricas.

Quem ia absorver todo esse formidável aumento de produção, se o nível de vida da população, se as capacidades aquisitivas do mercado não tinham aumentado nas mesmas proporções?

O Sol? a Lua? Qualquer planeta do nosso sistema?

E' evidente que não. Não estabelecemos ainda, felizmente para eles, relações económicas com os seus habitantes.

Portanto houve necessidade de reduzir a mão de obra; começaram os despedimentos de operários e começa portanto a partir de 1927-28 o novo e gravissimo aspecto da crise — a «chômage»; a crise de desemprego.

De então para cá o agravamento dela é pavoroso.

Os desempregados, em todo o mundo, passam rapidamente de 1927 para 1928, de 6 a 10 milhões; de 1928 a 1929 para 18 milhões; de 1929 a 1930 para 30 milhões e, em Março deste ano, da graça capitalista, atingem a fabulosa cifra de 62 milhões!

Porquê este agravamento formidável da crise de trabalho?

Porque ela propria faz reduzir a produção. Se engendra a fome, a miséria; se cria legiões e legiões de desocupados, que não recebem salario; se diminui o nível de vida das populações; diminui as capacidades de absorção do mercado; diminui a busca de produtos. Este fenomeno força os capitalistas a restringirem cada vez mais a produção, a despedirem mais operários, a encerrarem mais fábricas; paraliza a produção, diminui os transportes, detinha o commercio, etc.

Eis, camaradas, as causas fundamentais da crise presente que profundamente atinge toda a economia de Portugal como repercussão da crise mundial.

¿ Em que consiste a tática do patronato ?

¿ Qual deve ser a nossa tática ?

Nós notamos que o nosso país entra decididamente na órbita da crise. De um extremo a outro há milhares e milhares de desempregados. As fábricas encerram, o comércio reduz-se, os transportes diminuem.

Como pensam os capitalistas de todo o mundo e, portanto, os de Portugal, fazer face a esta tremenda crise que engendra a guerra civil ?

Não pensam nada, porque nada podem pensar ; porque já não são senhores dos acontecimentos, porque perderam totalmente o volante da sua própria ecónomia. Pensam simplesmente... que devem arranjar as coisas de modo a não perderem, a não sofrerem com elas e fazer sofrer todas as consequências aos trabalhadores.

O excelente mercado de mão de obra que lhes é proporcionado pelas legiões de desempregados permite-lhe reduzir os salários e aumentar a exploração pelo prolongamento da jornada de trabalho ?

Pois reduzem os salários, prolongam a jornada de trabalho !

E' isso que verificamos de um a outro extremo do País.

Bem se importa a burguesia que a redução de salários diminua o poder aquisitivo do mercado, aumente a miséria, a fome e force a novas restrições na produção !

Bem se importa a burguesia que o prolongamento da jornada de trabalho, aumentando as capacidades produtoras das fábricas, sem consequente escoamento no mercado force a novos despedimentos !

O sistema capitalista é profundamente baseado no mais egoísta e cínico individualismo e a face á crise, o caminho da sua solução só se podia buscar num profundo coletivismo, que é a base do socialismo.

A Rússia, onde se constroí o Socialismo no meio de tremendas dificuldades ; onde o desemprego desapareceu ; onde o nível de vida dos trabalhadores aumente sem cessar, demonstra praticamente a superioridade económica do sistema socialista em face do sistema capitalista.

Mas o Socialismo pressupõe a extinção da propriedade privada, a direcção da ecónomia pelos produtores, pelos operários.

Só os trabalhadores o podem e devem realizar.

A tática do patronato, portanto, em face da crise não é nem pode ser encaminhada para a sua solução.

Ela limita-se a evitar a maior soma das suas conseqüências directas para si próprios, endossando-as para cima dos trabalhadores pela redução dos salários, pelo prolongamento da jornada de trabalho e pela redução da semana de trabalho a 5, a 4 e a 3 dias, o que na prática representa a redução de salários em 30, 40 e 50 %.

¿ Em que deve, portanto, consistir a nossa tática ?

No inverso. Na luta pelo aumento de salários, pela redução da jornada de trabalho, sem redução nos salários.

Mas como conduzir esta luta, com a ameaça sempre crescente do exercito de desempregados que, impelidos pela fome, aceitam as mais infames condições de trabalho, do patronato ; fornecem amarelos para os nossos movimentos ; são, enfim, impelidos pela miséria, a espada de Damocles suspensa pelo patronato sobre as nossas reivindicações ?

Isto põe perante nós um problema urgentíssimo sem a solução do qual não teremos condições para lutar seriamente com o patronato : a organização dos desempregados e a sua ligação íntima á nossa luta contra o adversario comum — o capitalismo.

Esta organização, porém, não se pode fazer á volta de reclamações abstratas e de efeitos longínquos e problemáticos. E' preciso que se faça em redor de reivindicações concretas que consigam mobilizar a 100 % todos os desempregados á sua volta e ligá-los ao nosso movimento.

Daqui a necessidade da reclamação do direito á vida dos desempregados, pela concessão de um subsídio vital a expensas do patronato e do Estado, que lhe permita alimentar-se ; da reclamação do transporte gratuito dos desempregados para os localidades onde se possam empregar ; da suspensão obrigatória de todos os mandatos de despejo contra os desempregados.

E' á custa destas reclamações para os desempregados que nós conseguiremos organizá-los de uma forma autónoma e transformar êste grande exercito, de grande alavanca de exploração patronal que é presentemente, em excelente auxiliar para as nossas lutas pelo aumento de salário e redução da jornada de trabalho ; em formidável ariete contra o sistema capitalista.

Portanto, para nós, a luta contra a crise de trabalho não é também uma luta para a sua solução porque sabemos que ela não tem solução em sistema capitalista ; é uma luta vital pela necessidade de não deixar que todas as suas consequências recaiam sobre nós — os trabalhadores ; pela necessidade de lutarmos contra a fome que invade os nossos lares e sobretudo pela necessidade de arrastar-mos um número cada vez maior de operários contra o patronato, de transformar sistematicamente cada luta com o patronato em grande luta de massas contra o sistema capitalista, pelo agravamento das suas contradições internas e pelo nosso objectivo final : derrocada do regime burguês e instauração de um regime operário ; substituição do sistema capitalista pelo sistema socialista, única saída definitiva para a crise presente.

As nossas reivindicações

Nestes termos, o Secretariado da Comissão Central Executiva, inspirado nas resoluções do Congresso e na experiência dos 7 meses que após êle decorreram, entende que todas as organizações de trabalhadores de transportes devem colocar em ordem do dia as seguintes reclamações :

1.º Cumprimento rigoroso da jornada de 8 horas e sua transformação em jornada *máxima*, em vez de *normal*, isto é, proibição absoluta, total, completa, de horas extraordinárias.

2.º Redução da jornada de trabalho das mulheres e menores e de todos os trabalhadores das profissões tóxicas, insalubres e de caracter violento, como por exemplo, a de cargas e descargas ás costas, fogueiros, pintura à pistola, etc., a 6 horas ;

3.º Aumento de salários em conformidade com o custo da vida ;

4.º Instituição do seguro contra o desemprego a expensas do patronato e do estado que garanta a todos os desempregados um subsidio nunca inferior a 60% dos seus salários normais ;

5.º Transporte gratuito aos desempregados para as localidades onde se possam empregar ;

6.º Suspensão imediata de todos os mandatos de despejo, provocados por falta de pagamento de renda, quando se prove que ele é motivado pelo desemprego.

Como devemos conduzir a luta no terreno práctico

Pensamos, porém, camaradas, que nada disto conseguiremos se nos limitarmos a realizar umas sessões e enviar umas exposições ao governo.

A luta séria por estas reclamações impõe-nos tarefas immediatas de organização, sem as quais nada mais faremos do que enunciar principios.

Em primeiro lugar é preciso, desde já, organizar de um modo autónomo, todos os desempregados. Cada associação de transportes deve organizar uma comissão especial para esse trabalho ; é preciso promover em todas as localidades, de um extremo a outro do país, sessões especiais de desempregados, onde os façamos encarnar estas reivindicações e preparar para a luta decidida por elas. E' preciso que a cada acto da burguesia, ostentando o seu luxo, a cada cerimónia capitalista ostentando a prosperidade do seu sistema, compareçam os desempregados sob a direcção das comissões especiais gritando a sua miséria, a sua fome e reclamando **Pão ou Trabalho!**

Todas as ocasiões devem ser aproveitadas para isso e todos os sacrificios devem ser feitos para auxiliar os desempregados na sua luta.

Em segundo lugar é preciso, em constantes reuniões explicar aos que ainda trabalham a necessidade imperiosa de auxiliar os desempregados na sua luta, de engrenar as suas manifestações, de lhe fornecer os recursos financeiros necessarios para a sua agitação e propaganda.

Em terceiro lugar é preciso apetrechar todas as nossas organizações para as lutas pelas reivindicações acima ; efectuar um enorme trabalho de organização tendo como ponto de partida a empresa, a oficina, o barco, a estação, a secção, o local de trabalho, enfim, constituir comissões de luta de sindicados e não sindicados eleitos por todos os trabalhadores das empresas.

Depois é necessario ligar intimamente em todas as reclamações acima empregados e desempregados, organizados e desorganizados e organizar consocios, sessões, manifestações, paralizações, locais de protesto, numa agitação enfim que crie as condições, as premissas necessarias para que as nossas reclamações sejam aceites.

Naturalmente que em todo este trabalho é preciso interessar os trabalhadores das outras industrias, dar-lhe vastidão ; crear uma frente unica de *todos* os trabalhadores contra *toda* a burguesia.

Portanto todos os sindicatos aderentes e afins devem procurar arrastar para este trabalho todos os operarios da localidade, ou por intermedio dos seus organismos representativos se os tem, ou por intermedio de sessões e comícios comuns, se não estão organizados.

A campanha contra a crise de trabalho e o próximo 1.º de Maio

Estamos a mez e meio do proximo 1.º de Maio. Ele deve ser aproveitado como inicio desta campanha.

Desde já é preciso organizar a paralisação nesse dia e preparar sessões e comícios contra a crise de trabalho nos quaes sejama votadas moções tendentes a apoiar a campanha pelas reivindicações acima citados.

Convem portanto que cada classe nomeie o mais rapidamente possivel comissões especiais preparatorias do proximo 1.º de Maio. Estas comissões devem procurar apoiar-se nos locais de trabalho organizando, sempre que lhe seja possivel, sub-comissões nesses locais.

Toda a agitação a propaganda pró 1.º de Maio deve ser intimamente ligada às nossas reivindicações. E' preciso tirar ao 1.º de Maio todo o character festivo e comemorativo que os nossos adversarios e seus agentes no nosso seio lhe pretendem dar. E' preciso que o 1.º de Maio seja de facto uma jornada internacional de luta pelas nossas reivindicações, de luta contra a nossa fome contra a nossa miseria e contra o sistema capitalista que as engendra.

Cada comissão de preparação do 1.º de Maio, de cada classe deve, pelo menos, editar um manifesto baseado no espirito geral da presente circular convidando a sua classe a abandonar o trabalho. Um manifesto geral será tambem editado para todos os trabalhadores de transportes.

Em cada localidade onde existe uma associação de trabalhadores de transportes uma sessão deve ser realisada sob as palavras de ordem acima citadas. Sempre que seja possivel essa sessão deve ser organizada de cooperação com as restantes classe trabalhadoras.

Em Lisboa e Porto organizar-se-hão sessões conjuntas de todas as classes de transportes. Sempre que seja possivel é preciso transformar estas sessões em manifestações da rua contra a crise de trabalho, contra a redução de salarios e contra o prolongamento da jornada de trabalho.

No caso da proibição das sessões, deve tentar-se a organização de manifestações.

A paralisação do 1.º de Maio entre as classes de transportes não poderá ser naturalmente a 100 %. Na industria ferroviaria por exemplo, pela sua característica especial, não é possível uma paralisação de 24 horas. Uma paralisação nos serviços ferroviarios exige uma serie de trabalhos preparatorios que só se justificam para uma luta prolongada. Estes camaradas porem, não devem de modo algum ficar alheios ao nosso movimento. Onde ha um sindicato ferroviario, onde ha uma aglomeração de ferroviarios deve organizar-se uma sessão ou manifestação em favor das nossas palavras de ordem. Os militantes ferroviarios devem aproveitar estas sessões ou manifestações para demonstrar a toda a massa ferroviaria a intima ligação que ha na defesa de todos os seus interesses corporativos e no movimento contra a crise de trabalho; a inter-dependencia que existe entre todos estes fenomenos e a solidariedade cada vez mais apertada que necessitam estabelecer não só com todos os trabalhadores de transportes como com toda a classe operaria em geral, empregada ou desempregada, organizada ou desorganizada.

Em Lisboa e Porto as sessões comum são promovidas pela Federação, mas isso não exclue a necessidade imediata, inadiavel, de cada classe organizar desde já a sua comissão preparatoria do 1.º de Maio que, a varios pretextos, organize sessões preparatorias de agitação e propaganda para as sessões comuns a promover.

A C. C. E. da Federação tem o maior desejo em que a nossa campanha revista o maximo de intensidade e eficiencia, mas não basta que o queira é preciso que cada camarada de base, que cada militante dos sindicatos tenha bem presente no espirito os termos da presente circular e se lance ao trabalho interessando o grosso das suas classes na proxima jornada de luta do 1.º de Maio.

CAMARADAS

Encontramo-nos perante êste dilema:

Ou nós damos conta das tarefas que a necessidade nos impõe e impomos com decisão a fôrça da nossa solidariedade, da nossa organização, contra a ofensiva patronal, ou seremos esmagados por ela!

Toda a hesitação, neste momento em que o patronato e o Estado, unidos, não hesitam em nos esmagar, é criminosa contra os nossos próprios interesses!

Não temos um momento a perder.

Pela preparação de um 1.º de Maio de verdadeira luta de classes!

Pelo cumprimento rigoroso da jornada **maxima** de 8 horas!

Pela jornada de 6 horas para as mulheres e menores e para as indústrias tóxicas e insalubres.

Pelo aumento de salários, em relação com o custo da vida!

Pelo reconhecimento do direito à vida aos desempregados, estabelecendo-lhe, a expensas do patronato e do Estado, um subsídio de desemprego nunca inferior a 60 % do seu salário normal!

Pelo transporte gratuito dos desempregados e contra a sua expulsão das casas por falta de pagamento de renda!

Contra a colaboração de classes que nos entrega manietados à exploração implacável do patronato.

Viva a organização operária!

Viva a Federação Nacional de Trabalhadores de Transportes e Comunicações!

O Secretariado da C. C. E.



Telefone 2 2500
órgão na imprensa
"O REDUCTO"

Proletários de todos os países: uni-vos!

Federação Nacional dos Trabalhadores de Transportes e Comunicações

Avenida 24 de Julho, 96, 1.º



LISBOA

Aos Trabalhadores Marítimos do Porto de Lisboa

Camaradas!

Novamente se trama na sombra contra o horario de trabalho.

Depois da tentativa feita ostensivamente pela Associação dos Armadores de navios e Agentes de Navegação do Porto de Lisboa para alterar o actual horario de trabalho, nos serviços de cargas e descargas, suprimindo-lhe a hora de almoço, tentativa abortada em consequencia da atitude firme, altiva e decidida das classes atingidas, que na grande sessão magna do cinema Esperança a repudiaram em massa dispondo-se a ir até onde as circunstancias aconselhassem, na defeza de um horario que tantos sacrificios custou a alcançar, os senhores armadores e agentes de navegação, só aparentemente desistiram dos seus propositos.

No fundo, na sombra cogitavam apenas o melhor processo de a repetirem e de iludir os contractos de trabalho comnosco firmados.

O que se pretende agora fazer e que já provocou alguns despedimentos da Companhia Nacional de Navegação, não é senão a repetição, por outro processo, da tentativa abortada.

Esta companhia pretende nada mais nada menos do que isto:

Acabar totalmente com qualquer horario de trabalho nos seus serviços marítimos, substituindo o pagamento das horas extraordinarias, por uma gratificação fixa mensal. Isto é uma infração flagrante á actual Lei das 8 horas de trabalho e aos contractos de trabalho firmados entre as classes marítimas e os armadores e agentes de navegação dos quaes aquela companhia foi uma das primeiras a assinar.

Mas para estes senhores não ha lei, não ha ordem, não ha respeito pelos compromissos tomados, quando se trate de defender os seus injustos interesses.

Estes cavalheiros a quem o nosso esforço, o nosso labor, tem feito sair do nada, não teem escrúpulos de especie alguma quando se trate de intensificar a sua exploração sobre nós.

Cardoso Leitão, o homem que sem perceber nada de questões marítimas, se encontra bruscamente Director da mais importante companhia de navegação é o homem sem escrúpulos que os armadores e agentes de navegação necessitavam para chefiar a ofensiva contra as nossas condições de trabalho.

Ele o afirmou cinicamente a uma Comissão declarando que fazia parte da Direcção da Associação dos Armadores e Agentes de Navegação e que não só haviam de ser postos em execução os seus actuaes propositos na Companhia Nacional de Navegação como haviam de ser revistas todas as actuais condições de trabalho firmadas com aquela Associação!

Apresentam-se claros os propositos dos nossos exploradores.

Agora o pessoal marítimo da Companhia Nacional de Navegação, amanhã todo o pessoal marítimo e de cargas e descargas do Porto de Lisboa!

Hoje o horario de trabalho; amanhã, os salarios.

Ou nos unimos como um só homem na defeza das actuais condições de trabalho formando um bloco compacto e invencível para fazer-se respeitar, ou ve-las hemos, pela nossa inércia, incúria e indolencia esboroar-se como um castelo de cartas, ficando inteiramente á mercê do patronato e da sua desenfreada exploração!

Precisamos definir posições e defini-las rapidamente.

A C. C. E. da Federação reconhecendo a gravidade do assunto e cumprindo com o seu dever promove **na proxima sexta feira 5 do corrente, pelas 7 horas da tarde, no Teatro Gil Vicente, Rua Voz do Operario, á Graça** (Edificio da Caixa Economica) uma sessão magna de todas as Classes Marítimas, afim de ser fixado o caminho a seguir em face dos propositos agitadores e desordeiros do patronato.

E' preciso; é indispensavel que nenhum trabalhador marítimo do Porto de Lisboa, falte à sua reunião magna, e que ela revista a imponencia necessaria para demonstrar ao patronato o proposito firme em que nos encontramos de fazer respeitar as regalias que tanto nos custaram a alcançar.

TRABALHADORES MARITIMOS!

Fragateiros, pessoal de Batelão e Reboques, Descarregadores, Estivadores, Conferentes Marítimos, Maquinistas, Fogueiros e Marinheiros!

EM MASSA PARA A REUNIÃO MAGNA!

Os camaradas que a ela não comparecessem trairiam os seus interesses, os de suas Companheiras e filhinhos, dos seus camaradas de trabalho; e amargurariam em breve a sua indolencia!

Que ninguém falte pois!

O Secretariado d e C. C. E.

Proletários de todos os países: uni-vos!

Associação de Classe dos Condutores de Carroças de Lisboa

**Aos condutores de carroças de Lisboa e arredores;
associados e não associados.**

Camaradas:

Um momento difícil passa para todos os trabalhadores em geral e em especial para a nossa classe.

O capitalismo com as suas garras aduncas, com uma ganancia cruel e impiedosa desencadeia contra todos os que trabalham, contra os que á custa do seu labor lhes sustente o luxo provocante que exibem perante a nossa miséria, uma feroz ofensiva que nenhum sentimento humanitario detem.

Os nossos patrões, os proprietarios de carroças encorajados por essa ofensiva e pela lamentavel desorganização da classe, tripudiam impunemente sobre a nossa miséria.

Os nossos salarios mercê da abundancia de braços resultante da crise de trabalho e da desorganização da classe, em face desta situação, descem dia a dia, ao passo que sobe o custo da vida.

A lei das 8 horas de trabalho é um brinquedo de creanças para os nossos patrões; desconhecemos os seus beneficios.

Encontramo-nos totalmente desarmados perante o patronato.

Todas as classes procuram mais ou menos intensamente fazer face a esta situação organizando-se e apetrechando-se para com a sua solidariedade e organização fazer face aos acontecimentos.

Todos os trabalhadores de transportes, dando-se conta exacta das responsabilidades do momento presente, se ligaram numa potente federação, onde se encontram decididamente dispostos a fazer valer os seus direitos.

E nós? Que fazemos nós?

Vamos permitir com a nossa inercia que esta situação miseravel se agrave?

Camaradas!

Condutores de carroças!

Se não nos unir-mos e, com o nosso esforço próprio, nos preparar-mos para impôr respeito pela nossa dignidade de trabalhadores conscientes não acreditemos que alguém estranho o possa vir fazer.

Atrás de nós estão todos os trabalhadores de transportes; mas é preciso que nos organizemos rapidamente e demonstremos a todos esses nossos irmãos de sofrimento, que acordámos e que poderão tambem contar connosco.

A comissão reorganizadora da classe promove no próximo dia 30 do corrente, pelas 3 horas da tarde, na Calçada Castelo Branco Sã-raiva, 4, 2.º, uma larga reunião de condutores de carroças a que todos poderão assistir.

E' preciso que ninguem falte.

Exige-o a defesa dos nossos interesses.

Exige-o a defesa do pão de nossas companheiras e filhinhos!

A' reunião, pois!

A COMISSÃO